

PRÓLOGO

O valor de uma nação mede-se pela coragem de seus homens de bem.

Castello Branco

O velho tentava desesperadamente acabar o trabalho que estava fazendo. O tempo estava ficando curto demais para tudo o que ainda precisava ser testado e ajustado. O primeiro ensaio deveria ser um sucesso, já que seria também o único e o último.

Acionar o equipamento daquela vez significaria saber finalmente se todos aqueles anos de pesquisa teriam produzido o resultado esperado ou se tudo não havia passado de um sonho.

Tanto sacrifício, tanta renúncia por um experimento! A família fora abandonada e a sua vida normal havia sido trocada pelo isolamento naquele fim de mundo, propositalmente distante de qualquer lugar civilizado.

Era um galpão na parte mais elevada de um morro pedregoso, de costas para uma encosta íngreme que, do outro lado, descia até um rio de correnteza forte, serpenteando no fundo de uma ravina profunda.

O velho trabalhava com rapidez, procurando manter sua atenção completamente focada no que fazia. Registrava os parâmetros corretos nos aparelhos de controle e conferia, com o prumo eletrônico, o exato equilíbrio de um grande disco prateado, um pouco mais grosso no centro, lembrando a figura de um disco voador das histórias em quadrinhos. O disco estava aparentemente levitando no espaço, um pouco acima de pequenas esferas metálicas que repousavam sobre um prato côncavo.

A unidade de força que ele mesmo projetara, com a forma de um grande tonel, fornecia uma corrente elétrica forte o suficiente para fazer toda aquela parafernália funcionar. Em volta desse tonel, garraões metálicos contendo diferentes tipos de gases, obtidos anteriormente em outros laboratórios mais sofisticados, estavam ligados a ele por tubos reforçados.

Os garrafões forneciam ao sistema, conforme a escolha do computador, o fluxo de gás mais apropriado para o melhor funcionamento do núcleo giratório do tonel, cujo movimento era capaz de amplificar enormemente a corrente e a voltagem recebidas de um gerador convencional, menor, que funcionava a seu lado.

A energia que emanava do tonel era transmitida por cabos de eletricidade à mesa onde estava o prato côncavo. Era este prato que aparentemente mantinha o disco metálico em suspensão, chiando pouco acima das esferas de metal, flutuando no ar, sem encostar nelas.

De vez em quando o velho olhava a tela do pequeno sistema de câmeras de monitoramento que instalara para proteger-se em seu isolamento. Possuía câmeras em todos os pontos críticos em volta da fazenda onde o galpão fora construído. Na última olhada que deu, para seu desespero, percebeu que alguns veículos blindados chegavam à entrada da propriedade. Sem diminuir a velocidade, os carros passaram por cima da porteira de madeira, a qual não se deram ao trabalho de abrir e prosseguiram velozmente em direção ao galpão.

O teste tinha que ser concluído naquele momento. Jamais iria conseguir reunir de novo em segurança todo o equipamento necessário à experiência. Se ela funcionasse como o esperado, a sua teoria teria sido confirmada e o mesmo princípio poderia ser aplicado em escala industrial, criando uma vantagem decisiva na luta que ele e o seu grupo travavam contra o Sistema.

Não havia mais tempo! Acionou a chave e começou a comandar, pelo teclado, o movimento do disco. Este subiu um pouco, afastando-se das esferas, chiando mas mantendo-se estável. O velho abriu um largo sorriso e começou a variar os parâmetros que alimentavam remotamente o prato. O disco pairava obediente no espaço do galpão, fazendo manobras que comprovavam a sua capacidade de mover-se perfeitamente nos três planos espaciais.

O barulho fora do galpão aumentava e já dava para se ouvir o ronco dos motores dos blindados mais forte do que o zumbido do disco em movimento. O velho saiu do enlevo em que o sucesso do experimento o havia deixado e voltou para a realidade. Aquela fase estava concluída. Ver o disco voando, de forma controlada, valera todo o esforço e todo o dinheiro que havia gasto na montagem da complexa estrutura do galpão. Só que agora ela deveria ser abandonada. Ou melhor: destruída! Aquela tecnologia não poderia cair jamais nas mãos da União.

Regulou o gerador para a potência máxima, fazendo com que pequenas fagulhas comesçassem a surgir dos seus terminais, ao mesmo tempo em que abria as válvulas de todas as garrafas de gás que estavam estocadas na sala.

- “Quando os níveis de gás atingirem uma concentração crítica, ouviremos uma bela explosão” - Pensou.

Apanhou sua mochila e um grande saco de lona verde, onde havia reunido todo o material do projeto que seria essencial para o prosseguimento da fase seguinte. Dirigiu-se para a sua “saída de emergência”, que nada mais era do que um buraco disfarçado no chão, preparado cuidadosamente para aquele momento, que ele sabia iria acontecer mais cedo ou mais tarde.

- “O fato de eles esperarem para invadir minha fazenda bem na hora dos testes finais significa que alguém me traiu! Alguém que só estava esperando o fim do experimento para se apropriar do resultado do meu trabalho!” - Pensou o velho.

Já estava para descer pelo pequeno alçapão no chão da sala quando ouviu o ruído da freada do blindado parando bruscamente. Parou, pensou um pouco, largou o saco e a mochila e voltou correndo para janela da frente. Através da cortina conseguiu ver alguns soldados saltando do blindado e correndo na direção do galpão. Viu também duas figuras que se destacavam dos demais. A primeira era um oficial da União, com seu característico uniforme: culote, botas e um reluzente sabre pendurado no cinto. A segunda era um senhor de meia idade, vestido com um jaleco branco, que levava alguns instrumentos nas mãos.

- “Então é ele o traidor!” - Resmungo o velho, com uma expressão que transmitia profundo desapontamento. - “Pois não vai trair mais ninguém!”

Volta para a mesa e regula novamente os aparelhos. O disco flutuante passa a trepidar um pouco mais forte, como se quisesse levantar a borda que ficava na direção da porta.

- “Aproveito então para fazer um último teste...!” - Murmura o velho, com um sorriso amargo no rosto, já correndo para a saída. Pula então para o alçapão no exato momento em que os soldados botam a porta abaixo.

Os militares invadem o galpão e avançam para vasculhar todo o ambiente, um deles correndo em direção ao alçapão aberto. Nesse momento ouve-se um “clique” em um dos aparelhos em cima da mesa e o disco prateado instantaneamente desaparece de sua base, projetando-se na direção da porta, varando de lado a lado a couraça do blindado que parara na frente do galpão e sumindo no Infinito. O blindado explode imediatamente, ao mesmo tempo em que o galpão também vai pelos ares, por ação das fagulhas do gerador sobre o gás. Todo o cume do moro vira instantaneamente uma enorme bola de fogo.

O velho desce rapidamente o caminho estreito que ligava o alçapão ao outro lado do paredão de pedra, ainda sentindo o calor da explosão nas suas costas. Chega em seguida a um local de onde consegue ver o rio, no fundo da ravina. Não precisa observar por muito tempo para localizar o que procurava: um pequeno bote a motor amarrado nas pedras.

O restante da descida até o barco salvador foi feito rapidamente, bem mais do que se poderia esperar de uma pessoa daquela idade.